

ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO: INVESTIGANDO DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA A ESCRITA DE ALUNOS DO SEGUNDO ANO.

I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva, 1ª edição, de 01/08/2024 a 02/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-106-6

RUPPEL; Tabita Vanusa ¹, MARTINIAK; Vera Lucia ²

RESUMO

ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO: INVESTIGANDO DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA A ESCRITA DE ALUNOS DO SEGUNDO ANO DOS ANOS INICIAIS

Tabita Vanusa Ruppe[1]

Vera Lucia Martiniak[2]

Esta é uma pesquisa de campo qualitativa, realizada em parceria com o Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas, envelhecimentos, direitos humanos e inclusão (NEPEDHI) 3, com o objetivo de analisar as dificuldades de aprendizagem pelos estudantes durante o processo de aquisição da escrita, especialmente relacionadas à compreensão do sistema de escrita. A pesquisa se baseou nas teorias do sociointeracionismo de Vygotsky, que enfatiza a importância da interação social no desenvolvimento cognitivo.

A pesquisa teve como objetivo analisar as dificuldades de aprendizagem na escrita de dezessete alunos do segundo ano do ensino fundamental em uma escola pública, usando métodos bibliográficos, documentais e de campo. Os dados foram coletados por meio de sondagem de tentativas da escrita, diários de bordo, observações em sala e avaliações diagnósticas municipais.

No desenvolvimento da pesquisa, foram implementadas atividades inclusivas e permanentes na turma, como leitura, manipulação do alfabeto, narração de histórias e uso da biblioteca. Por meio dessas atividades, foram analisadas as principais dificuldades dos alunos. A análise dos dados envolveu categorias quantitativas, gráficos, tabelas, análise de conteúdo e de discurso para compreender as dificuldades na escrita.

TABELA 1. Tentativas de escrita

Tentativas de Escrita

Pré-silábico

14%

Silábico

22%

Silábico Alfabético

43%

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa , tabitaruppel@gmail.com

² Universidade Estadual de Ponta Grossa , vlmartiniak@uepg.br

A análise das tentativas de escrita dos dezessete alunos revelou que 43% estão no estágio "Silábico Alfabético", 22% no "Silábico", 21% no "Alfabético" e 14% no "Pré-silábico". A maioria está em um estágio intermediário, associando sons às letras, mas ainda compreendendo o sistema alfabético. Essa diversidade de níveis requer estratégias pedagógicas diferenciadas. A pesquisa destaca a importância de intervenções pedagógicas específicas para cada estágio de desenvolvimento da escrita e práticas inclusivas, visando uma educação mais eficaz e inclusiva.

Este estudo ressalta a importância do desenvolvimento da linguagem escrita e da aplicação de práticas pedagógicas inclusivas para promover uma educação mais eficaz e inclusiva, com potencial de aplicação em diversos ambientes educacionais.

Na perspectiva de Vygotsky (2000), as dificuldades enfrentadas pelos alunos no início da escolarização formal, especialmente no processo de apropriação da escrita, estão relacionadas à natureza da escrita como uma linguagem pensada e não pronunciada. Isso requer dos alunos a capacidade de atribuir significado e internalizar suas experiências para transformá-las em conhecimento exposto por meio da escrita.

Vygotsky (2000) também ressalta a importância do desenvolvimento do conhecimento abstrato para a internalização da linguagem escrita, destacando que esse processo é fundamental e integrante na aquisição da escrita. Ele enfatiza que a aquisição do sistema de escrita não pode ser realizada de forma mecânica e externa, mas sim pressupõe um processo de desenvolvimento de funções comportamentais complexas na criança.

Com isso, a aprendizagem da escrita requer não apenas a capacidade de escrever fisicamente, mas também a compreensão do significado por trás da linguagem escrita, a internalização de conceitos abstratos e a expressão de pensamentos de forma estruturada.

Portanto, ao considerar a escrita como um processo que estimula o desenvolvimento de funções comportamentais complexas, os educadores devem adotar abordagens pedagógicas que promovam não apenas a reprodução mecânica da escrita, mas também o desenvolvimento cognitivo e a compreensão profunda da linguagem escrita. Isso implica em criar um ambiente de aprendizagem que estimule a reflexão, a criatividade e a compreensão dos significados por trás das palavras escritas, levando em conta as capacidades individuais e o desenvolvimento integral das crianças no processo de alfabetização.

De acordo com Luria (2001), o processo de desenvolvimento da escrita envolve a criança diferenciar os primeiros sinais (rabiscos ou marcas) e atribuir a eles um conteúdo específico. A próxima fase consiste na diferenciação dos sinais primários pelas crianças, principalmente por meio de pictogramas, ou seja, desenhos e representações de ideias. Isso representa a transformação de sinais-estímulos em sinais-símbolos, onde linhas e rabiscos são substituídos por figuras e imagens, que por sua vez se tornam sinais. Luria destaca que nessa sequência de eventos está todo o percurso do desenvolvimento da escrita, tanto na história da civilização

quanto no desenvolvimento da criança

A utilização de signos como representações simbólicas na escrita marca um estágio mais avançado, no qual a criança é capaz de atribuir significados específicos a esses símbolos e utilizá-los para se comunicar de forma mais elaborada. Portanto, a evolução da escrita não é apenas uma questão de habilidades motoras, mas reflete o desenvolvimento cognitivo da criança, envolvendo a percepção, a atenção e a memória como componentes essenciais desse processo de aprendizagem da linguagem escrita. (Vygotsky, 2001).

Desse modo a alfabetização vai além do domínio das habilidades básicas de leitura e escrita, envolvendo a aplicação funcional e contextualizada dessas habilidades em diversas situações do dia a dia. É essencial compreender e aplicar a linguagem escrita em diferentes contextos sociais, culturais e profissionais, destacando a importância da alfabetização para a participação efetiva na sociedade (Soares, 2005).

Nesse sentido o papel do docente é fundamental na organização de situações de ensino que promovam a interação e participação de todos os alunos, considerando suas necessidades individuais. É essencial criar experiências de aprendizagem comuns que permitam a inclusão de todos os estudantes, especialmente aqueles em maior risco de exclusão em termos de aprendizagem e participação (Brasil, 2005).

Para a realização dessa pesquisa de campo, foram utilizadas as seguintes técnicas: Observação direta das atividades do grupo estudado: Por meio da observação direta das atividades em sala de aula, os pesquisadores puderam acompanhar o desempenho dos alunos durante as práticas de escrita, identificando dificuldades, padrões de comportamento e interações sociais relevantes para a pesquisa.

Análise de documentos: Além da observação direta, a análise de documentos, como registros no diário de bordo da turma, avaliações diagnósticas internas e externas, contribuiu para a coleta de dados e a compreensão mais aprofundada das dificuldades de aprendizagem na escrita dos alunos.

As técnicas de pesquisa permitiram obter informações detalhadas sobre as dificuldades de escrita dos alunos, possibilitando a elaboração de estratégias pedagógicas inclusivas e eficazes. Atividades como leitura, uso do alfabeto móvel, contação de histórias, maleta viajante e leitura na biblioteca foram implementadas para identificar desafios e promover o desenvolvimento da escrita. (BRASIL, 2012).

A leitura ampliou o vocabulário e as estruturas gramaticais, enquanto o alfabeto móvel ajudou na formação de palavras e ortografia. A contação de histórias estimulou a criatividade e a produção de textos originais, e a maleta viajante promoveu a troca de materiais e experiências literárias entre os alunos. A prática de leitura na biblioteca proporcionou acesso a diferentes textos e gêneros, incentivando a exploração e a análise crítica.

Essas atividades pedagógicas inclusivas foram essenciais para estimular o desenvolvimento da escrita, proporcionando um ambiente colaborativo e enriquecedor. Implementadas de forma contínua, elas não apenas identificaram dificuldades, mas também ofereceram oportunidades para o aprimoramento das habilidades de leitura e escrita, contribuindo para uma educação mais eficaz e inclusiva.

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa , tabitaruppel@gmail.com

² Universidade Estadual de Ponta Grossa , vlmartiniak@uepg.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Educar na diversidade: material de formação docente. Brasília-DF, 2005. p.175-235.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa -Planejamento e organização da rotina na alfabetização:Ano 3: unidade 2—Brasília,SEB, 2012.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Coleção Alfabetização e Letramento. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64p

LEONTIEV, LÚRIA e VIGOTSKII. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem . São Paulo: Ícone, 2001.

VIGOTSKY, L. A construção do pensamento e da linguagem tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de aprendizagem, Linguagem escrita, Atividades inclusivas e permanentes

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa , tabitaruppel@gmail.com

² Universidade Estadual de Ponta Grossa , vlmartiniak@uepg.br